



USP FILARMÔNICA

ABERTURA DE TEMPORADA DA SÉRIE CONCERTOS 2023

Programa sinfônico com obras de compositores e poetas pretos e pardos brasileiros dos séculos XVIII e XIX

USP FILARMÔNICA

Abertura de temporada da série Concertos USP 2023

Programa sinfônico com obras de compositores e poetas pretos e pardos brasileiros dos séculos XVIII e XIX

Concerto n. 165 da USP Filarmônica

5 de abril de 2023, quarta-feira, às 20h
Catedral de São Carlos

Efeméride comemorativa aos 70 anos da
Escola de Engenharia de São Carlos da USP

Regência e direção artística

Rubens Russomanno Ricciardi

Solistas

Yuka de Almeida Prado (soprano)

Anita Prado (mezzo-soprano)

Rafael Stein (tenor)

Alexandre Mazzer (barítono)

Carla Rincón (spalla convidada)

João Paulo Henrique da Silva (clarineta)

Samuel Pompeu (saxofone)

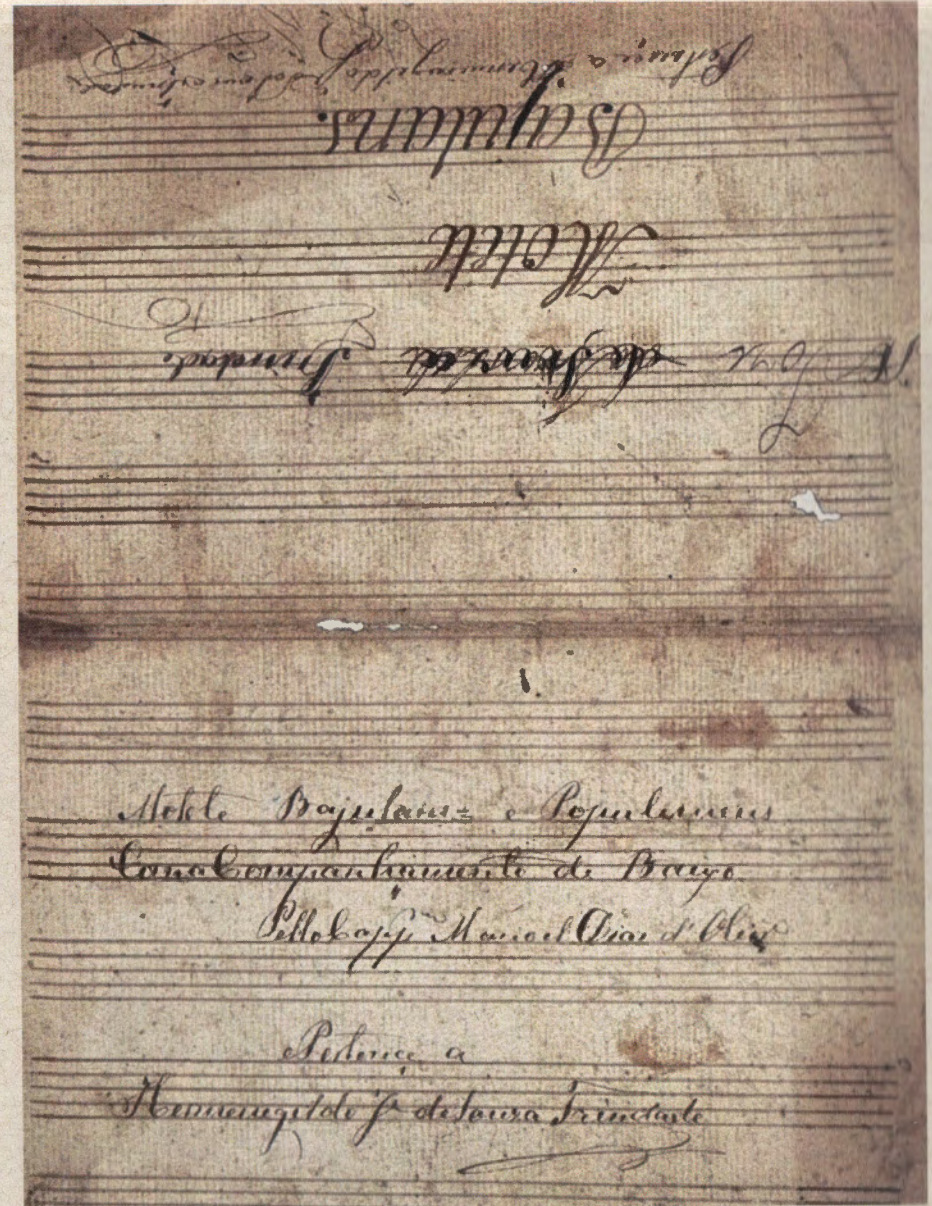
Gustavo Silveira Costa (violão)

Matheus Luís de Andrade (percussão)

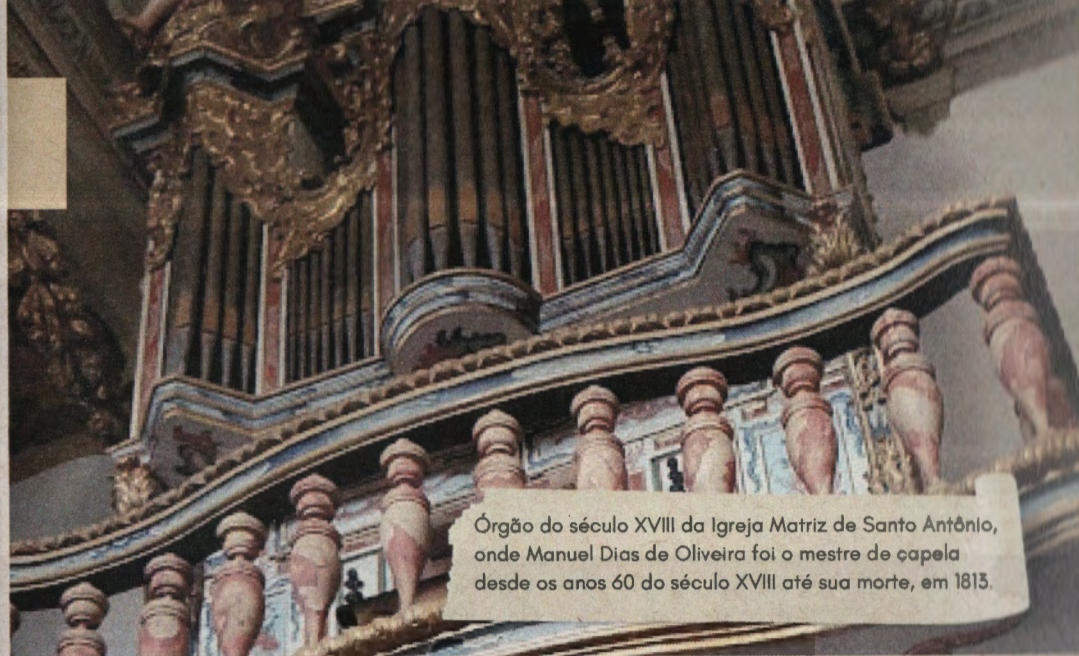


PROGRAMA

SEM INTERVALO



Manuscrito da Lira Sanjoanense de São João d'El Rey



Órgão do século XVIII da Igreja Matriz de Santo Antônio, onde Manuel Dias de Oliveira foi o mestre de capela desde os anos 60 do século XVIII até sua morte, em 1813.

MANUEL DIAS DE OLIVEIRA

(?, 1734/35 - Vila de São José, 1813)

Ex-escravizado, foi capitão de um regimento de homens pardos libertos no Arraial da Laje (atual Resende Costa, MG) e compositor mestre de capela na Matriz de Santo Antônio na Vila de São José (atual Tiradentes, MG). Suas obras, consideradas de "raro engenho", foram noticiadas pela Gazeta do Rio de Janeiro (1816) - por ocasião das exéquias de Maria I. Seu moteto Miserere está entre as solfas coloniais com maior número de cópias - ainda hoje encontradas em arquivos mineiros, paulistas, cariocas e portugueses.

Motetos de Visitação de Passos de Semana Santa (Comarca do Rio das Mortes, segunda metade do século XVIII) - a quatro vozes com orquestra - edição crítica do NAP-CIPEM da USP em Ribeirão Preto, de acordo com as fontes primárias da Lira Cecilianiana de Prados e da Lira Sanjoanense de São João d'El Rey:

Domine Jesu

Domine Jesu! Te desidero, te quaero, te volo. Ostende mihi faciem tuam et salvus erro (Ó Senhor Jesus! Eu te desejo, procuro-te, quero-te. Mostra-me a tua face e serei salvo)

Bajulans

Bajulans sibi Crucem Jesus, exivit in eum, qui dicitur Calvariae, locum (Jesus, levando em seus braços a cruz, saiu em direção àquele lugar chamado Calvário).

Popule Meus

Popule meus, quid feci tibi? Aut in quo contristavi te? Responde mihi! (Ó meu povo, que te fiz? Ou no que te entristeci? Responde-me!).

Miserere

Miserere mei, Deus, secundum misericordiam tuam; et secundum multitudinem miserationum tuarum; dele iniquitatem meam. Amplius lava me ab iniquitate mea et a peccato meo munda me (Tem compaixão de mim, ó Deus, segundo a tua misericórdia e segundo a multidão de tuas compaixões; destrói a minha iniquidade. Lava-me amplamente de minha iniquidade e limpa-me de meu pecado).



Mozart, retratado por Joseph Lange (1782).
Obra exposta no Mozarteum de Salzburgo.

WOLFGANG AMADEUS MOZART

(Salzburgo, 1756 - Viena, 1791)

Ave verum corpus - moteto KV. 618 (Baden, 1791) - a quatro vozes com orquestra (num mesmo Zeitgeist que o Miserere de Manuel Dias de Oliveira)

Ave, ave verum corpus natum de Maria virgine, vere passum immolatum in cruce pro homine. Cuius latus perforatum unda fluxit et sanguine esto nobis praegustatum in mortis examine, in mortis examine (Ave, ave, ó corpo verdadeiro, nascido da Virgem Maria, o qual verdadeiramente padeceu, imolado na cruz a favor da humanidade; de cujo lado perfurado a onda fluiu; e com sangue seja por nós pré-provado no exame da morte, no exame da morte) - as traduções do latim são de Paulo Eduardo de Barros Veiga.



JOSÉ MAURÍCIO NUNES GARCIA

(Rio de Janeiro, 1767-1830)

Neto de escravizadas, foi padre mestre de capela da Real Câmara e Capela no Rio de Janeiro, desde 1808 até sua morte. Foi autor de vasto repertório sacro, de cena, sinfônico e popular, incluindo modinhas de sua pena - gênero protagonista na música popular brasileira dos séculos XVIII e XIX, ao lado do lundum. A modinha tem um caráter mais sentimental e melódico, diferentemente do lundum, o qual é sempre mais dançante e sensual. Estas duas modinhas, originais para canto e piano, foram editadas por Pierre Laforge, no Rio de Janeiro - aqui com orquestrações de Rubens Russomanno Ricciardi.

José Maurício Nunes Garcia retratado com a Ordem de Cristo (condecorado por João VI, em 1809/1810), pintura a óleo por seu filho, o Dr. José Maurício Nunes Garcia Júnior (Rio de Janeiro, 1808-1884), membro titular da Academia Imperial de Medicina e professor da Academia de Belas Artes

Beijo a mão que me condena - modinha (1837, op. posth.), para mezzo-soprano e orquestra

Beijo a mão que me condena, a ser sempre desgraçado. Obedeço ao meu destino, respeito o poder do fado. Que eu ame tanto sem ser amado, sou infeliz, sou desgraçado.

Marília, se me não amas, não me digas a verdade - modinha (1837, op. posth.), para soprano e orquestra

Marília se me não amas, não me digas a verdade: finge amor, tem compaixão - mente ingrata por piedade! Dize que longe de mim, sentes penosa saudade: dá-me esta doce ilusão - mente, ingrata, por piedade!



ANÔNIMO BRASILEIRO

Pesquisa do folclorista Rossini Tavares de Lima (Itapetininga, 1915 – São Paulo, 1981) sobre esta modinha brasileira do século XIX. O tema “moreninha” atravessa o Romantismo brasileiro tanto na literatura como na música, com inúmeros títulos de obras, desde Joaquim Manuel de Macedo (Itaboraí, 1820-1882) até Henrique Alves de Mesquita (Rio de Janeiro, 1830-1906). Esta modinha homônima é das mais belas melodias da música popular brasileira, exaltando a beleza do “negro tom, que bom” - aqui com introdução, orquestração e codetta por Rubens Russomanno Ricciardi.

Moreninha - modinha (século XIX), para mezzo-soprano e orquestra
Moreninha, se eu te pedisse, de modo que ninguém visse, de modo que ninguém visse, um beijo tu me negavas. Moreninha, se eu te pedisse, de modo que ninguém visse, um beijo tu me negavas - ou davas ou davas.

Beijava teus pés pequenos, teu lindo rosto moreno, teu lindo rosto moreno e as tranças do negro tom. Beijava teus pés pequenos, teu lindo rosto moreno e as tranças do negro tom - que bom, que bom.



Di Cavalcanti (Rio de Janeiro, 1897-1976):
Moreninha com anel (1972)



DOMINGOS CALDAS BARBOSA

ou Lereño Selinuntino - (Rio de Janeiro, 1740 - Lisboa, 1800)

Filho de uma escravizada angolana, formado pelos jesuítas no Morro do Castelo, no Rio de Janeiro, e conhecido por seu nome árcade de Lereño, foi violeiro, poeta, libretista de óperas, tradutor e autor da Viola de Lereño, sua coleção pioneira de canções populares profanas em língua portuguesa. Introduziu no universo luso-brasileiro a valorização dos cantos populares e dos iletrados, compondo nos gêneros modinha e lundum, tendo sido contemporâneo e influenciado por Johann Gottfried Herder (Mohrungen 1744 - Weimar, 1803) - ambos atuaram sob o mesmo mecenato do iluminista conde Wilhelm Friedrich Ernst zu Schaumburg-Lippe (Londres, 1724 - Wölpinghausen, 1777). Lereño também esteve próximo a Alcipe, nome árcade da Marquesa de Alorna ou Dona Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Lencastre (Lisboa, 1750-1839), tradutora portuguesa de Herder. Outro mecenas seu foi o contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira (Vila do Ribeirão do Carmo, 1720 - Lisboa, 1779), por conta de ter viabilizado a condecoração da Ordem de Cristo ao filho primogênito de sua companheira, Chica da Silva (Arraial do Milho Verde, 1731/35 - Arraial do Tejuco, 1796), a qual, por sua vez, foi mecenas de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita (? , 17???, Rio de Janeiro, 1805).

Lilia, oh Lilia - minueto - do primeiro volume da Viola de Lereno (1798) - com música inédita de Rubens Russomanno Ricciardi (*Ribeirão Preto, 1964)

Lilia, oh Lilia, tu não escutas, soar nas grutas o meu clamor! Não me apareces, não te eterneces da minha dor? Lilia, oh Lilia, morro de amor!

Lilia, oh Lilia, lá de onde assistes, ouve os ais tristes do teu Pastor: Não tardes mais, vem aos meus ais e ao meu clamor. Lilia, oh Lilia, morro de amor!

Lundum da Nhanhazinha - do segundo volume da Viola de Lereno (1826, op. posth.) - com música inédita de Gilberto Mendes (Santos, 1922-2016) e Rubens Russomanno Ricciardi.

Eu tenho uma Nhanhazinha por quem chora o coração, e tanto chorei por ela que fiquei sendo chorão. Eu tenho uma Nhanhazinha que eu não posso entender, depois de me ver penar, só então diz me querer. Nhanhazinha, Nhanhazinha, ela é minha laiá, o seu moleque sou eu!

Eu tenho uma Nhanhazinha, a melhor que há nesta rua, não há denço como o seu nem chulice como a sua. Eu tenho uma Nhanhazinha, a quem tiro o meu chapéu, é tão bela, tão galante, parece coisa do céu. Nhanhazinha, Nhanhazinha, ela é minha laiá, o seu moleque sou eu! Ah! Nhanhá, venha escutar amor puro e verdadeiro, com preguiçosa doçura que é o amor de brasileiro. Se não tens mais quem te sirva, o teu moleque sou eu, chegadinho do Brasil aqui está que todo é teu. Nhanhazinha, Nhanhazinha, ela é minha laiá, o seu moleque sou eu!



JOSÉ MARIA XAVIER

(São João d'El Rey, 1819-1887) Garcia

Compositor romântico pardo, foi padre mestre de capela na Igreja do Rosário e da Lira Sanjoanense em São João d'El Rey. O seu Pensamento sentimental é a mais antiga peça concertante (para instrumento solista e orquestra de cordas) que se tem notícia, composta no Brasil.

Pensamento sentimental - edição crítica de acordo com as fontes primárias de Maria da Conceição Rezende - manuscritos de Ouro Preto, 1886 - pelo NAP-CIPEM da USP em Ribeirão Preto.

José Maria Xavier, como compositor, escreveu obras para várias solenidades religiosas até hoje celebradas em São João Del Rei.



ANACLETO AUGUSTO DE MEDEIROS

(Rio de Janeiro, 1866-1907)

Filho de uma ex-escravizada, foi maestro da banda do Corpo de Bombeiros no Rio de Janeiro, entre outras corporações que fundou. Sua composição Yara recebeu versos de Catulo da Paixão Cearense (São Luís, 1863 - Rio de Janeiro, 1946), já com o novô título de Rasga Coração, tornando-se tão popular à época que foi citada no Choros nº 10 (1926) de Heitor Villa-Lobos (Rio de Janeiro, 1887-1959) - aqui com orquestração de Rubens Russomanno Ricciardi.

Yara - Schottisch ou chotiça



ALFREDO DA ROCHA VIANNA FILHO - PIXINGUINHA

(Rio de Janeiro, 1897- 1973)

O enredo do samba da Portela no carnaval carioca de 1974, em homenagem a Pixinguinha, contou a história de seu apelido, conferido por sua avó Edwiges, trazida da África como escravizada: "Pizindin! Pizindin! Pizindin!" - a vovó assim chamava Pixinguinha: "Menino bom" na sua língua natal, "menino bom" que se tornou imortal. Pixinguinha, o "menino bom" assim definido em dialeto africano, foi maestro, arranjador/orquestrador e multi-instrumentista de fato "imortal", pelo seu papel histórico na consolidação do Choro/Chorinho, tornando-se o mais experimental, em termos tanto formais como harmônicos, entre os compositores desse gênero da música popular instrumental urbana brasileira, além de um dos maiores melodistas de todos os tempos - aqui numa orquestração de Rubens Russomanno Ricciardi.

Carinhoso (Rio de Janeiro, 1916)



ANÔNIMOS BRASILEIROS

(primeira metade do século XX)

Três canções populares - pesquisa com levantamento folclórico e arranjos por Heitor Villa-Lobos, com orquestração de Olivier Toni (São Paulo, 1926-2017) e Rubens Russomanno Ricciardi.

Rosa Amarela

O bastão

Estrela é lua nova

USP FILARMÔNICA

Maestro

Rubens Russomanno Ricciardi

Violinos I

Carla Rincón* (spalla convidada, do Instituto Zeca Pagodinho - RJ), Ivan B. Rodrigues, Adrean V. Rodrigues, Miguel M. Marra, Paola A. Rojas Parra, Eduarda Tiemi Ito, Wallacy W. de Almeida Oliveira e Janaína Lemos.

Violinos II

Paulo Eduardo de Barros Veiga*, Matheus C. de Souza Pereira, Rayssa Durães Marques, João Paulo M. Bazane, Luiz Marcelo R. da Silva, Bruna M. Bazane e Luiz Gustavo Chapina.

Violas

Willian R. da Silva**, Gabriela L. Miguel, Mayra R. Batista Leite, João Vitor Coelho, Gabriel M. Miranda e Ricardo S. Soares

Violoncelos

Marthin Goiano da Silva, Ketlyn M. Alonso Costa, Patrick A. Lebron Silva, Caroline F. Schiatti, Izabela Ayumi Ito e Raphael Eduardo F. de Assis

Contrabaixos

Danilo Paziani*** e Alexandre Giro Henrique

Arquivo e edição musical

Lucas Pigari

Percussão

Gabrielly N. Arcilla Oliveira e Nathan H. Bortolato Granero

*Professor convidado **Músico convidado ***Egresso da FFCLRP-USP

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-Reitora: Prof^a Dr^a Maria Arminda do Nascimento Arruda

Pró-Reitores:

Graduação: Prof. Dr. Aluisio A. Cotrim Segurado

Pós-Graduação: Prof. Dr. Márcio de Castro Silva Jr.

Pesquisa e Inovação: Prof. Dr. Paulo Alberto Nussenzveig

Inclusão e Pertencimento: Prof^a Dr^a Ana Lucia Duarte Lanna

Cultura e Extensão Universitária: Prof^a Dr^a Marli Quadros Leite

Escola de Engenharia de São Carlos

Diretor: Prof. Dr. Fernando Martini Catalano

GCACEx USP São Carlos

Presidente: Prof. Dr. Guilherme Matos Sipahi

Assessora: Rosane Aranda

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto

Diretor: Prof. Dr. Marcelo Mulato

Departamento de Música da FFCLRP-USP

Chefe: Prof^a Dr^a Fátima Graça Monteiro Corvisier

NAP-CIPEM do DM-FFCLRP-USP

Coordenador: Prof. Dr. Rubens Russomanno Ricciardi

Auxílio Santander/FUSP (Ass. Imprensa: Marcela B. Moreira)

Diocese de São Carlos (mantenedora da Catedral)

Bispo: Dom Luiz Carlos Dias

APOIO:

EESC-USP: Benedita Augusta de Freitas, Claudinei F. Fabricio, Edmilson Luchesi, Jose Fernando G. Albino, Mário Márcio Espadacini, Maria Isabel Vital Vich, Raphael Montanari, Silvana Flores e Vanderlei Milanez

IAU-USP: Fátima Maria Leal do Norte Mininel

Centro Cultural USP São Carlos: Adriana Toniolli e Edison Santiago

DM-FFCLRP-USP: André de Sousa Estevão, Daniel Portioli Rolnik, José Gustavo Julião de Camargo, Lucineia Martins Levandosqui, Luís Alberto G. Cipriano, Luiz A. dos Santos, Mara Elisa Ferreira Oliva, Sonia R. de Oliveira e Waldyr Jose G. Ferverça.

70 ANOS DA EESC-USP



Alunos da primeira turma da Escola de Engenharia de São Carlos

Em 2023, a Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo completa 70 anos de atividades.

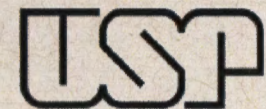
Sua trajetória começou em 18 de abril de 1953, quando o governador do estado proferiu a aula inaugural, no prédio da Casa D'Itália, para a primeira turma - 39 alunos, no total.

Não demorou muito e a sede da Escola ficou pequena. Assim, em 1956, a unidade foi transferida para uma área bem maior, onde se constituiu o campus universitário.

Hoje, a EESC-USP oferece 10 cursos de graduação, 11 programas de pós-graduação (mestrado e doutorado) e conta com inúmeros grupos temáticos, promovendo pesquisa inovadora e criativa na busca por soluções sustentáveis para os maiores desafios da engenharia contemporânea.

Entre as ações, também estão o estímulo ao empreendedorismo, o fomento à internacionalização e a extensão de suas atividades à comunidade.

A evolução e desdobramento da EESC resultaram na criação das demais unidades que compõem o Campus da USP São Carlos, além de alavancar o desenvolvimento tecnológico e educacional da cidade, reconhecida nacionalmente como A Capital da Tecnologia.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PRCEU - PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

PRG - PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

PRPG - PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO

PRPI - PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E INOVAÇÃO

PRIP - PRÓ-REITORIA DE INCLUSÃO E PERTENCIMENTO



Grupo Coordenador
de Cultura e Extensão - USP - São Carlos



NÚCLEO DE PESQUISA
CIÊNCIAS DA PERFORMANCE
MÚSICA - FFCLRP USP



www.eesc.usp.br/70anos